

A GRAVURA POPULAR BRASILEIRA

As razões que determinaram a aparição e o desenvolvimento, no Nordeste do Brasil, de uma gravure, expressão de arte que exige um mínimo de conhecimentos técnicos, estão ainda por ser esclarecidas. Seria interessante aproximar esse fato curioso do gosto natural que têm as populações humildes pelas estampas.

Admitindo que o nordestino é, em geral, inteligente e dotado de grande vivacidade, admitindo que o ritmo de vida local, onde a noção do tempo e o tempo mesmo têm outra escala, modulada ao capricho de fenômenos geofísicos que determinam uma agricultura e pecuária mais pitorescas que rendáveis, admitindo que esse ritmo de vida deu ao homem tempo para sonhar e cultivar o sonho e a divagação em longas caminhadas solitárias pelas caatingas, tudo não basta para explicar satisfatoriamente a rica cultura popular ainda pura em pleno século XX, no Nordeste do Brasil.

Seria simplista considerar a gravura popular brasileira fruto de geração espontânea. O melhor seria ligá-la às influências que recebeu a região durante a colonização, e tirar daí as conclusões. O Nordeste brasileiro sofreu cinco tipos de influência: portuguesa, holandesa, francesa, africana e índia; e as três primeiras foram as mais susceptíveis de terem introduzido a técnica da gravura, que, a princípio poderia ter sido utilizada pelas missões religiosas e existido em forma de "imagens volantes", santos, orações e escapulários, estes guardando, até hoje, caráter xilográfico. Não nos parece é que ela tenha sido utilizada na impressão de cartas nem na estamparia de tecidos. À exceção de certos casos isolados, onde a gravura foi usada na rotulagem de garrafas de cachaça, pode-se afirmar que ela chegou aos nossos dias ligada a essa literatura popular, da qual é impossível dissociá-la. Assim, até que se prove o contrário, melhor será considerar a gravura popular brasileira contemporânea da aparição da imprensa na região, e consequência direta mesmo dessa literatura popular.